

CONDIÇÕES DE TRABALHO DA ENFERMAGEM

Maria Helena Machado¹, Maria Ruth dos Santos², Eliane de Oliveira³, Mônica Wermelinger⁴, Mônica Vieira⁵, Waldirlando Lemos⁶, Wagner Ferraz de Lacerda⁷, Wilson Aguiar Filho⁸, Paulo Borges de Souza Junior⁹, Everson Justino¹⁰, Cintia Barbosa¹¹

O artigo analisa a situação das condições de trabalho em que a equipe de enfermagem atua, incluindo variáveis em relação às condições laborais e de relacionamento. É um estudo transversal cuja população alvo é constituída por todos os enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem do Brasil, que possuem registro ativo no Conselho Federal de Enfermagem (Cofen). O estudo tem representatividade nacional, sendo capaz de gerar resultados para cada unidade da federação. Os resultados reportam ao clima de confiança e respeito entre os colegas, porém, situação preocupante quanto ao relacionamento com a população usuária de seus serviços. Mostra também que mais de ¼ da equipe veem seus chefes distantes, inacessíveis, quando necessitam de ajuda; elevado grau de insegurança e violência no ambiente de trabalho; poucos são assistidos, quando adoecem, pela própria instituição em que trabalham; além de desgaste profissional. Evidencia também a inexistência de infraestrutura de descanso no local de trabalho, independente do setor e, contabiliza acidentes de trabalho. A partir dos dados encontrados, é possível subsidiar a construção de políticas públicas adequadas com a realidade desse imenso contingente de trabalhadores, fundamentais para o SUS.

Descritores: perfil da enfermagem, condições de trabalho, equipe de enfermagem.

The article analyzes the state of working conditions in the nursing team operates, including variables with regard to labor and relationship conditions. It is a cross-sectional study whose target population consists of all nurses, technicians and nursing assistants from Brazil, which have active registration with the Federal Nursing Council (Cofen). The study has a national presence, being able to generate results for each state. The results relate to the climate of trust and respect among colleagues, a worrying situation as regards the relationship with the user population of its services. It also shows that more than a quarter of the staff see their distant, inaccessible bosses, when they need help; high degree of insecurity and violence in the workplace; few are assisted when they get sick, by the institution itself that work; They have professional wear. They also show the absence of resting infrastructure in the workplace, regardless of the sector and accounts for workplace accidents. From the data found, it is possible to subsidize the construction of public policies adequate to the reality of the huge number of workers, fundamental for the National Health System.

Descriptors: profile of nursing, working conditions, the nursing staff.

El artículo analiza el estado de las condiciones de trabajo en el equipo de enfermería opera, incluyendo variables con respecto a las condiciones laborales y de relación. Se trata de un estudio transversal cuya población objetivo consta de todas las enfermeras, técnicos y auxiliares de enfermería de Brasil, que tienen el registro activo con el Consejo Federal de Enfermería (Cofen). El estudio tiene una presencia nacional, siendo capaz de generar resultados para cada estado. Los resultados se relacionan con el clima de confianza y respeto entre colegas, una situación preocupante en cuanto a la relación con la población de usuarios de sus servicios. También muestra que más de una cuarta parte del personal de ver sus distantes, jefes inaccesibles, cuando necesitan ayuda; alto grado de inseguridad y violencia en el lugar de trabajo; pocos son asistidos cuando se enferman, por la propia entidad que el trabajo; Tienen desgaste profesional. También muestran la ausencia de infraestructura de descanso en el lugar de trabajo, independientemente del sector y representa la siniestralidad laboral. A partir de los datos que se encuentran, es posible subsidiar la construcción de políticas públicas adecuadas a la realidad de la gran cantidad de trabajadores, fundamental para el SUS.

Descriptor: el perfil de la enfermería, las condiciones de trabajo, el personal de enfermería.

¹Socióloga. Doutora em Sociologia. Pesquisadora titular da Ensp/Fiocruz. Coordenadora do NERHUS e do OBSERVARH-Ensp. Coordenadora geral da pesquisa: Perfil da Enfermagem no Brasil, Fiocruz/Cofen. machado@ensp.fiocruz.br

²Farmacêutica. Doutora em Saúde Pública. Pesquisadora colaboradora do NERHUS/Ensp/Fiocruz.

³Nutricionista. Mestre em Saúde Pública. Pesquisadora colaboradora do NERHUS/Ensp/Fiocruz. Coordenadora adjunta da pesquisa: Perfil da Enfermagem no Brasil, Fiocruz/Cofen.

⁴Bióloga. Doutora em Saúde Pública. Pesquisadora do NERHUS/Ensp/Fiocruz.

⁵Socióloga. Doutora em Saúde Coletiva. Pesquisadora da EPSJV/Fiocruz.

⁶Tecnólogo em Recursos Humanos. Especialista em Gestão do Trabalho e da Educação em Saúde. Pesquisador colaborador do NERHUS/Ensp/Fiocruz.

⁷Pedagogo. Especialista em Gestão de Saúde. Pesquisador do NERHUS/Ensp/Fiocruz.

⁸Enfermeiro. Mestre em Gestão do Trabalho e da Educação em Saúde. Pesquisador colaborador do NERHUS/ENSP/Fiocruz.

⁹Estatístico. Doutor em Saúde Pública. Pesquisador adjunto do ICICT-Fiocruz.

¹⁰Analista de Sistemas. Especialista em Análises de Sistemas Auxiliar de pesquisa do NERHUS/Ensp/Fiocruz.

¹¹Tecnólogo em Recursos Humanos. Gerente de projetos do NERHUS/Ensp/Fiocruz.

INTRODUÇÃO

Neste artigo se analisará as condições de trabalho da equipe de enfermagem, seja enfermeiros, técnicos e auxiliares. Mostrará como eles se relacionam entre eles, com a equipe de saúde, com seus superiores e com a população.

O texto está estruturado de forma que permita ao leitor conhecer e debater as principais questões relacionadas ao ambiente de trabalho da equipe de enfermagem, possibilitando, em vários momentos, diferenciar as três categorias profissionais aos moldes do que está contido no Relatório final da Pesquisa(1), ou seja, Equipe, Enfermeiros, e Auxiliares/Técnicos de Enfermagem.

Outrossim, os aspectos metodológicos relativos à pesquisa nesta publicação, em: Notas Metodológicas.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Sentimento de cordialidade e respeito

A pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil analisou, no Bloco 6, as condições de trabalho e de relacionamento, em geral, a que estão submetidos esses trabalhadores. Em um primeiro momento, examina um conjunto de variáveis que diz respeito a como o profissional se sente nos seus locais de trabalho. O item inicialmente abordado refere-se ao trato de cordialidade e respeito entre colegas.

Os dados mostram que a maioria da equipe (67%) considera que é tratada com cordialidade e respeito pelos seus superiores. Porém, ao somar os que dizem que 'às vezes' (21,5%) aos que responderam não (3,2%), chega a 24,7%, ou seja, 1/4 do contingente não é bem tratado pelos seus superiores. Em relação aos enfermeiros, a maioria (72,2%) considera que há cordialidade e respeito. Entretanto, se somado aqueles que dizem que 'às vezes' (18,8%) aos que responderam não (2,8%), este percentual alcança 21,6%, ou seja, mais de 1/5 desse segmento não recebe bom tratamento de seus superiores. Por sua vez, a maioria dos auxiliares e técnicos (65,4%) considera que é tratada com cordialidade e respeito. No entanto, considerando aqueles que dizem que 'às vezes' (22,3%) aos que dizem não (3,3%), tem-se 25,6%, ou seja, 1/4 não é tratado (sempre) com cordialidade.

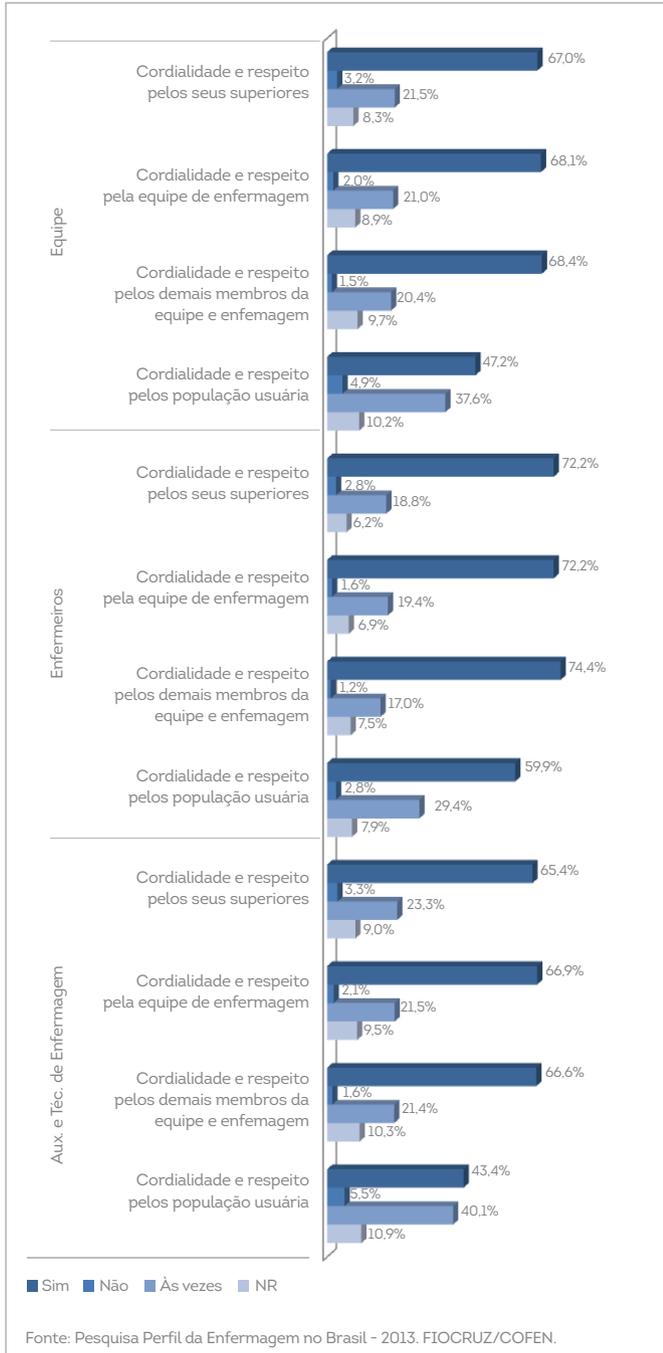
Quando se refere ao trato da equipe de saúde, os valores sobem para 68,1%; enquanto 21% referem que 'às vezes' e 2% que declaram falta de cordialidade e de respeito, o que soma 23%. Significa dizer que quase 1/4 da equipe de enfermagem não se sente acolhida com respeito e gentileza pelos

seus colegas da saúde. Entre os enfermeiros, os valores encontrados são 72,2% que são bem tratados; enquanto 19,4% 'às vezes' e 1,6% que não, o que soma 21%, ou seja, 1/5 do contingente não é bem tratado. Já para os auxiliares e técnicos os valores chegam a 66,9%; enquanto 21,5% relatam que 'às vezes' e 2,1% dizem que não, o que representa 23,6%.

No âmbito da própria equipe de enfermagem, os números ficam muito próximos dos registrados anteriormente. Registram-se: 68,4% tem tratamento cordial e respeitoso; 20,4% 'às vezes' e 1,5% indicam que seus colegas são desrespeitosos e descorteses (21,9%) ou seja, 1/5 do contingente tem críticas ao convívio cotidiano entre seus próprios colegas. Especificamente com os enfermeiros, 74,4% reportam trato cordial e respeitoso; 17% 'às vezes' e somente 1,2% dizem que não. Ao somar os dois últimos percentuais (18,2%), registra-se que quase 1/5 não é bem tratado (sempre) pelos seus próprios colegas. Entre os auxiliares e técnicos de enfermagem, os números ficam muito próximos dos registrados para a equipe de saúde como um todo: 66,6% reportam trato cordial e respeitoso; 21,4% 'às vezes' e 1,6% indicam tratamento desrespeitoso e descortês. Somados os dois últimos percentuais (23%), ou seja, quase 1/4 não recebe tratamento adequado pelos próprios colegas.

Entretanto, situação preocupante refere-se à percepção da equipe quanto à população usuária (seus pacientes), na qual, menos da metade (47,2%) é desrespeitada e maltrata por aqueles que são atendidos por ela. Reforça ainda mais uma percepção negativa quando 37,6% indicam que somente 'às vezes' e 4,9% não, as taxas chegam a quase metade destes profissionais (42,5%) afirma que não se sente bem tratado e respeitado pelos pacientes ou familiares usuários do sistema de saúde. Quanto aos enfermeiros 59,9% declaram receber tratamento cordial e respeitoso daqueles que são atendidos por eles. Reforça ainda mais uma percepção negativa quando 29,4% indicam que somente 'às vezes' e 2,8% não receber, o que significa quase de 1/3 deles ou seja, 32,2% são desrespeitados pelos pacientes e/ou familiares usuários do sistema de saúde. Entre os auxiliares e técnicos apenas 43,4% informam receber tratamento gentil daqueles que são atendidos por eles. Reforça ainda mais uma percepção negativa quando 40,1% indicam que somente 'às vezes' e 5,5% não receber, o que significa que quase metade do contingente (45,6%) é maltratada com frequência pelos pacientes e/ou familiares usuários do sistema de saúde. (Gráfico 1)

Gráfico 1 - Equipe, Enfermeiros e Aux. e Técnicos de Enfermagem segundo tratamento com cordialidade e respeito - Brasil



Resumindo, a situação se mostra pouco confortável em relação aos itens de relacionamento entre colegas, profissionais e a população usuária de seus serviços para com a enfermagem. Considerando a importância de que todos aqueles que fazem parte das relações de trabalho na saúde (superiores, equipe de saúde, equipe de enfermagem e usuários, etc.), tratem uns aos outros com respeito, cordialidade e urbanidade, os dados apresentados pela pesquisa sugerem um ambiente de trabalho que precisa

melhorar no que tange à adoção de relacionamentos mais respeitosos e cordiais. Essas transformações visam relações mais saudáveis e dignas e apontam para a necessidade de promoção de mudanças nas condutas e práticas que se estabelecem no contexto do mundo do trabalho.

Importante observar que essa 'pouca cordialidade e respeito' da população usuária do sistema de saúde, de um modo geral, para com a equipe, reflete na verdade, uma forma descortês e pouco respeitosa desses usuários e familiares com a equipe de saúde como um todo. Relatos e denúncias são recorrentes descrevendo situações em que médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais enfim, toda a equipe, especialmente aqueles mais da linha de frente do atendimento, são frequentemente agredidos, física e verbalmente, tendo que recorrer, muitas vezes, à ajuda policial. Esse clima é inadmissível no ambiente de saúde, requerendo das autoridades públicas medidas protetoras e inibidoras destas situações para com a equipe de saúde.

Clima de confiança entre colegas

Quando perguntados sobre a existência de clima de confiança entre os colegas de trabalho, mais da metade (59,9%) reporta de forma positiva. No entanto, considerando que a confiança é um dos elementos-chave nas relações, tanto no trabalho coletivo e colaborativo quanto na produção dos resultados, torna-se relevante que, se somado os que 'às vezes' desfrutam deste clima (23,7%) com aqueles que responderam 'não'(7,7%), chega a mais de 31,4% dos respondentes.

Conduta respeitada

As ações da equipe estão alicerçadas nos valores da profissão e no Código de Ética da Enfermagem. Desta forma, o percentual de 73,9% revela a existência, entre os pares, de um clima de respeito em relação às condutas técnicas adotadas pela equipe. Chama a atenção que 15,8% responderam 'às vezes' e 1,6% 'não' ao quesito.

Relacionamento com o chefe

No que diz respeito à percepção da equipe quanto à disponibilidade do chefe em ajudá-lo diante das dificuldades que se apresentam no desempenho do trabalho, somente 63% tem acesso rápido; enquanto 21,4% alegam que somente 'às vezes' e 6,7% não contam. O que significa dizer que mais de 1/4 da equipe percebe seus chefes distantes, inacessíveis, quando necessita de ajuda profissional.

Por outro lado, paradoxalmente, 80% do contingente acreditam que os chefes confiam em seu trabalho. Tal índice permite afirmar que a chefia e a equipe estabelecem relações de trabalho baseadas, sociologicamente falando, na 'lógica da confiança', ou seja, ele não ajuda quando ela

necessita mas os próprios profissionais têm convicção de que fazem o trabalho dentro do esperado e, assim, o sentimento de confiança prevalece.

Liberdade de expressão

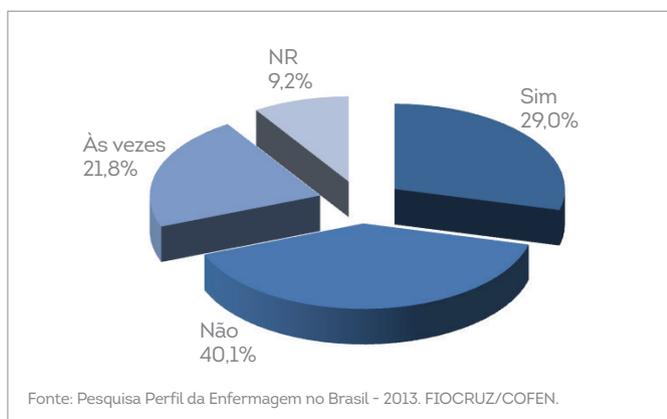
A garantia de livre expressão, que é fundamental e suporte essencial para relações de trabalho saudáveis, é percebida por 61,9% da equipe de enfermagem quando refere-se a liberdade de se expressar com os superiores (chefia, coordenação, direção, etc.). No entanto, registra-se que 21,3% afirmam ter 'às vezes' e 8,1% não terem. Somado, representa quase 1/3 do total que não se sente à vontade para expressar sua opinião, manifestação, alguma queixa em relação ao trabalho, aos colegas, aos pacientes, ou até mesmo deles próprios, os chefes.

Proteção no ambiente de trabalho

A questão da violência no cotidiano das instituições de saúde, tem sido alvo de grande debate no meio sindical, que vem denunciando essas situações no ambiente de trabalho. Seja qual for a profissão, o trabalhador se sente muito desprotegido e à mercê de ataques, muitas vezes, agressivos, da população usuária àqueles que se encontram trabalhando nos hospitais e ambulatorios em geral, sejam públicos ou privados.

A pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil atesta essa afirmativa na maioria das instituições de saúde no Brasil. No que concerne à percepção dos profissionais quanto ao sentimento de proteção contra a violência, somente 29%, ou seja, menos de 1/3 da equipe se sente segura no trabalho, contra 21,8% que se sentem 'às vezes' e 40,1% que não se sentem protegidos. A somatória de 61,9%, das duas variáveis que expressa insegurança, mostra um ambiente marcado pela falta de segurança e desproteção de mais de 1 milhão de trabalhadores da enfermagem (Gráfico 2).

Gráfico 2 - Equipe de Enfermagem segundo sentimento de proteção contra a violência no trabalho - Brasil



Cuidados da instituição com o profissional de enfermagem

Essa mesma equipe informa que apenas 40,6% são assistidos, quando adoecem, pela própria instituição na qual trabalham. Aqueles que não são (30,5%) e os que 'às vezes' (19,1%), são assistidos somam 49,6%, ou seja, quase a metade da equipe, embora lide diretamente com o cuidado e a saúde das pessoas, não tem amparo institucional quando se trata de sua própria saúde.

Há diferenças consideráveis entre categorias que devem ser destacadas. No tocante aos enfermeiros, 42,8% afirmam receber assistência na própria instituição na qual trabalham quando adoecem. Por outro lado, os que declaram não ter assistência (32,5%) e os que 'às vezes' são (17,3%), somam quase a metade do total, ou seja, 49,8%. A situação piora um pouco mais quando se trata dos auxiliares e técnicos, que informam ser apenas 40% os que recebem cuidados da instituição na qual trabalham, quando adoecem. Entretanto, os que não são (29,8%) e que os 'às vezes' (19,6%) somam 49,4%. Importante ressaltar que, 10,6%, ou seja, 147 mil se recusaram a responder.

População satisfeita

Contraditoriamente, a maioria (74,9%) da equipe sente que a população, os familiares e os próprios pacientes demonstram satisfação com o trabalho prestado (Gráfico 8). Isso se choca com dados analisados anteriormente, que expõe o sentimento de desrespeito e baixa cordialidade da população usuária para com o pessoal da enfermagem. Essa contradição de dados atestam uma enorme insatisfação e desapontamento da equipe com sua própria atividade, que se sente desprestigiada, desvalorizada e acima de tudo, desrespeitada, de forma geral.

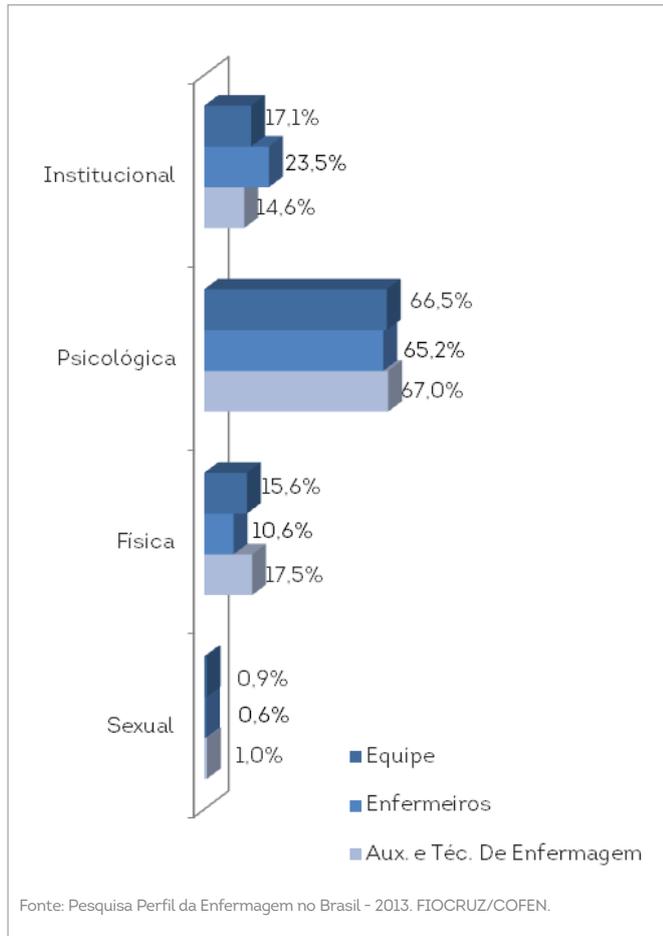
Violência no trabalho

Por sua vez, quando a equipe é perguntada se sofreu alguma violência no trabalho, 1/5 (19,7%) afirma que sim e os que declaram que 'às vezes' somam 9%, o que eleva a quase 30%. Contudo, mesmo tendo a maioria afirmado não ter vivenciado tal situação, torna-se importante não só registrar, como analisar mais profundamente aqueles que declaram ter passado por situações de violência. Deve-se observar que há relatos de maior índice de violência no contingente de enfermeiros (33,6%), do que no de auxiliares e técnicos (27,3%).

Mais especificamente, a pesquisa buscou captar a tipologia da violência que está presente no cotidiano do trabalho: a psicológica, a institucional, a física e a sexual. Na equipe, os dados registram com maior frequência a violência psicológica (66,5%); seguida pela institucional com 17,1%; a física com 15,6%, sendo a sexual a menos apontada, com apenas 0,9%. Entre os enfermeiros, a maior frequência é a violência psicológica (65,2%); seguida pela institucional (23,5%); a física (10,6%), sendo a sexual a que menos aparece, com apenas 0,6%. Já no meio dos auxiliares e técnicos de enfermagem, a psicológica (67%)

é a mais destacada; seguida pela física (17,5%); a institucional (14,6%), sendo a sexual a menos apontada, com 1% (Gráfico 3).

Gráfico 3 - Equipe, Enfermeiros e Aux. e Técnicos de Enfermagem segundo tipo de violência sofrida no ambiente do trabalho - Brasil



Discriminação no trabalho

Ao serem indagados se já sofreram discriminação no ambiente de trabalho, a maioria da equipe (68,7%) afirma não ter sofrido. Por outro lado, 12,3% disseram que sim e 5,8% 'às vezes', o que soma 18,1% do total do contingente.

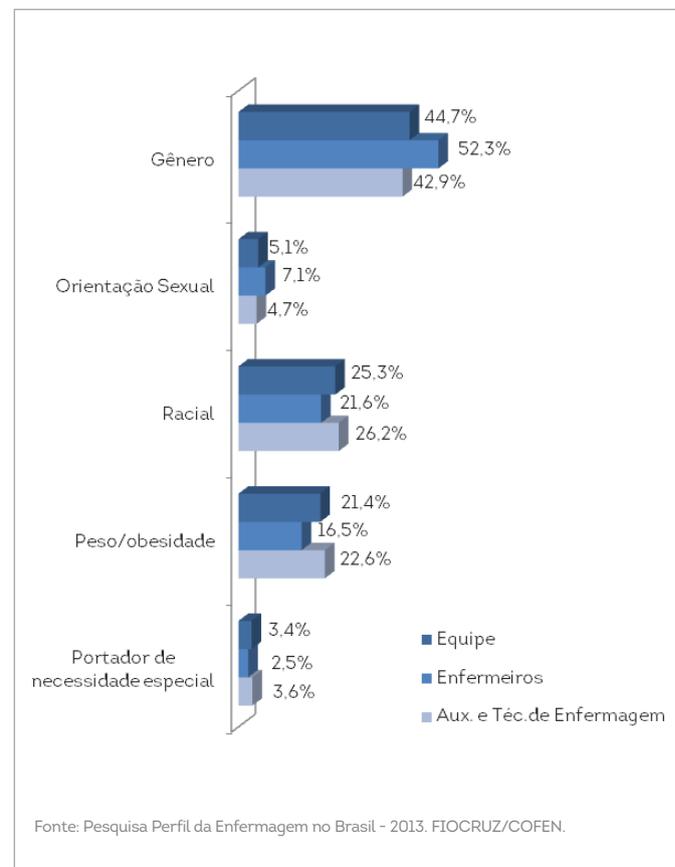
Analisando a tipologia proposta: gênero, orientação sexual, racial, peso/obesidade e aquele portador de necessidade especial, é possível afirmar que entre aqueles que declaram sofrer, sofrem mais de um tipo de discriminação. O que significa dizer que mais de 220 mil responderam positivamente. Dentre os tipos destacam-se: a de gênero (44,7%); logo a seguir a racial (25,3%); e a por serem obesos, que representa 21,4%. Por orientação sexual soma 5,1% e aquele portador de necessidades especiais apenas 3,4%. Um dado importante, que será visto a seguir, é localizar por categorias profissionais, institucionalmente, onde elas são mais agudas, se nos enfermeiros ou nos auxiliares e técnicos. Além disso, torna-se

fundamental analisar mais profundamente, no futuro, de onde parte essa discriminação por gênero, uma vez que se trata de uma categoria feminina com claro crescimento da participação masculina, mesmo que ainda, diminuta.

Analisando a situação dos enfermeiros nota-se que: discriminação por gênero (52,3%); a racial (21,6%); e por serem obesos a taxa é na ordem de 16,5%. Por outro lado, por orientação sexual conta com 7,1% e aqueles trabalhadores com necessidades especiais, apenas 2,5%. Contudo, vale o registro de que os dados apontam para uma carga maior sobre os auxiliares e técnicos. Ou seja, dos quase 229 mil que afirmam sofrer, 48 mil são enfermeiros e 173 mil recaem sobre os auxiliares e técnicos.

Quanto a tipologia de discriminação é possível afirmar dos auxiliares e técnicos que declaram ter sofrido alguma discriminação, sofrem mais que um tipo. Isso significa dizer que dos 173 mil apontaram mais de 230 mil situações de discriminações, ou seja, aqueles discriminados acabam sofrendo mais de um tipo. Destacam: gênero com 42,9%; logo a seguir a racial com 26,2%; por serem obesos representa 22,6%. Já por orientação sexual soma 4,7% e aqueles trabalhadores com necessidades especiais representam 3,6% (Gráfico 4).

Gráfico 4 - Equipe, Enfermeiros e Aux. e Técnicos de Enfermagem segundo tipo de discriminação sofrida no ambiente do trabalho - Brasil

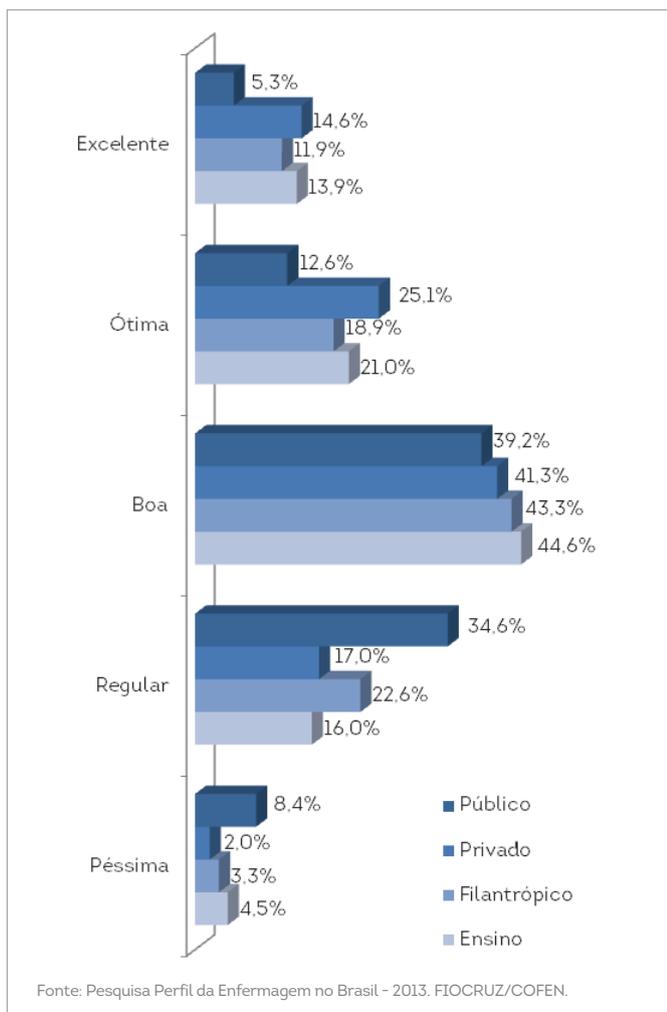


Condições de trabalho

Para qualificar melhor as condições de trabalho dos distintos setores de atuação - público, privado, filantrópico e de ensino, a pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil, buscou conhecer a opinião da equipe sobre esta questão.

Na escala proposta, pode-se verificar que somente 17,9% consideram excelentes e ótimas as condições de trabalho do setor público, enquanto para 39,2% elas são boas e 34,6% classificam como regulares. As consideradas como péssimas representam 8,4%. Já no privado, a avaliação positiva soma 39,7%, sendo boas para 41,3% e regulares para 17% e 2% consideram péssimas. Situação semelhante se encontra o setor filantrópico, no qual as condições de trabalho são vistas por 30,8% da equipe como excelentes e ótimas, sendo boas por 43,3%, regulares por 22,6% e péssimas por apenas 3,3%. No ensino foram avaliadas positivamente por 34,9%, boas (44,6%) e regulares (16%). As péssimas foram atribuídas por 4,5% (Gráfico 5).

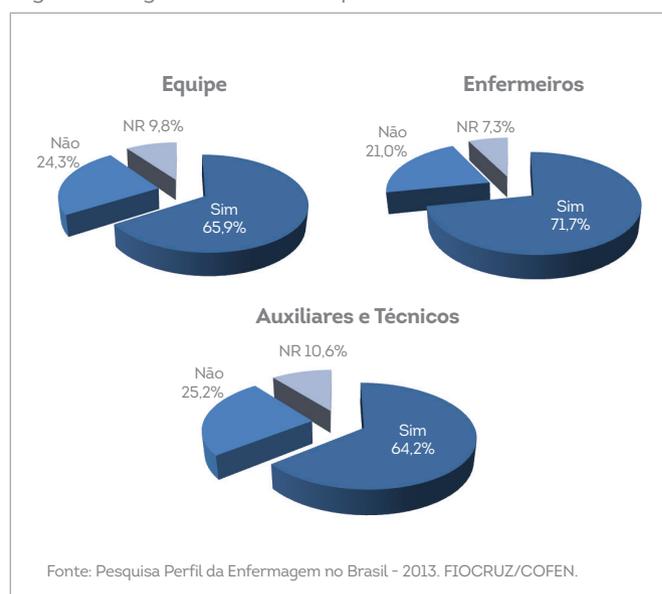
Gráfico 5 - Equipe de Enfermagem segundo avaliação das condições de trabalho nos setores, público, privado, filantropico e ensino - Brasil



Desgaste profissional

Os números contabilizados para o desgaste profissional não deixam dúvidas quanto à natureza das ações e das condições vividas pela equipe de enfermagem. Registra-se que 65,9% desses trabalhadores consideram sua atividade desgastante. Tal fato implica na necessidade de compreensão dos múltiplos e variados fatores presentes no processo e no ambiente de trabalho, desencadeadores deste desgaste. Situação ainda pior estão os enfermeiros que declaram 71,7% com queixas de desgaste profissional. Um pouco menos acentuado, tem-se os auxiliares e técnicos com 64,2% (Gráfico 6).

Gráfico 6 - Equipe, Enfermeiros e Aux. E Técnicos de Enfermagem segundo desgaste na atividade profissional - Brasil.

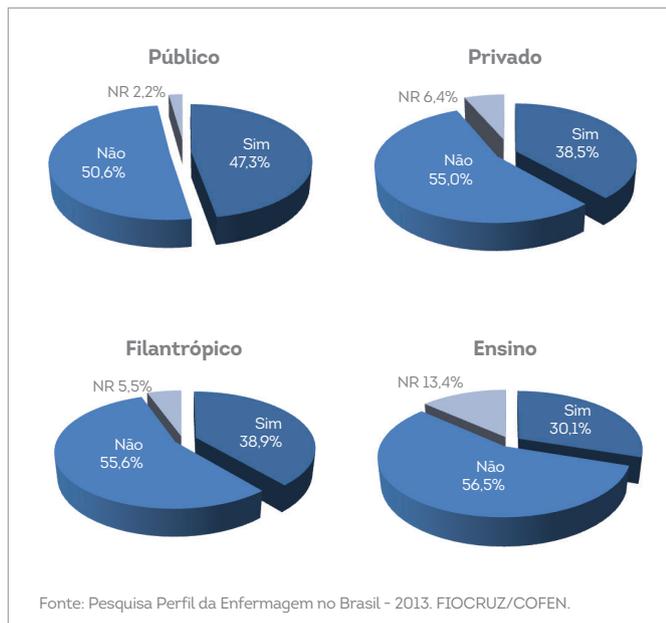


Infraestrutura de descanso

Ter condições adequadas de trabalho é uma questão crucial para se ter ambiente saudável. O trabalho da saúde, e em especial, da enfermagem, é árduo, de longas jornadas e, especialmente, contínuo e permanentemente, com atividades intensas e rotineiras quase todo o período. Por exemplo, ter acesso a um local apropriado de descanso representa um item importante na qualidade de vida destes profissionais de saúde, representados por mais de 1 milhão e oitocentos mil.

No entanto, os dados da pesquisa apontam para uma situação pouco confortável: no setor público, menos da metade (47,3%) da equipe afirma ter essa condição, o que significa dizer que a maioria dos profissionais não desfruta desse conforto. No privado, essa situação se mantém, quando também menos da metade (49,9%) também declara existir. Já no filantrópico, os percentuais são ainda menores, ou seja, apenas 38,9% dizem ter. Sendo um setor de ensino, que não necessariamente, presta assistência, é possível compreender que 56,4% declaram não existir essa infraestrutura. (Gráfico 7).

Gráfico 7 - Equipe de enfermagem por existência de infraestrutura de descanso segundo setores, público, privado, filantrópico e ensino- Brasil



Acidente de trabalho

A questão dos acidentes de trabalho no âmbito das instituições de saúde, tem sido alvo de intenso debate no meio sindical junto aos gestores e, em especial, na Mesa Nacional de Negociação Permanente do SUS - MNNP-SUS¹³. Os debates giram em torno da necessidade de reduzir a incidência no cotidiano dos trabalhadores da saúde, bem demandar maior proteção no ambiente laboral.

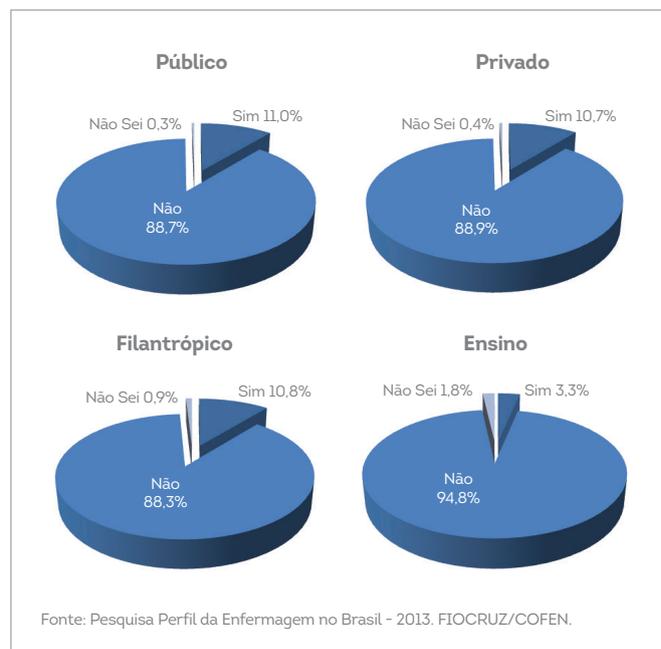
A pesquisa captou também dados e informações que puderam proporcionar melhor entendimento sobre o assunto. Já de início, é possível afirmar que, independente do setor aqui analisado - público, privado, filantrópico ou ensino, a presença dos acidentes de trabalho é um fato. Uma realidade que acomete, lamentavelmente, 10% de um contingente extremamente volumoso no âmbito do SUS.

No público, quando indagados se foram vitimados por alguma modalidade de acidente nos últimos 12 meses, 11% da equipe de enfermagem afirmaram que sim, o que representa aproximadamente 115 mil acidentados. O setor privado tem comportamento similar ao público, onde os que tiveram acidente de trabalho representam 10,7%. O mesmo ocorre no filantrópico, com cifras de 10,8% de ocorrências. Já no ensino exhibe taxas menores índices de 3,3%. Ressalta-se que os percentuais menores encontrados neste setor, em relação aos demais (público, privado e filantrópico) provavelmente se justificam pela natureza da atividade

profissional, ou seja, ensino. A pergunta não diferenciou as atividades docentes nos hospitais universitários, por exemplo (Tabela 3, Gráfico 14).

Destacando por categoria, observa-se que entre os enfermeiros, por exemplo, no público o índice de acidentados é na ordem de 8,3; no privado o índice é ainda menor, ou seja, 6,5%; no filantrópico, o comportamento se assemelha ao do privado, ou seja, 6,3% dos enfermeiros foram vitimados por alguma modalidade de acidente no trabalho. Já no ensino exhibe as menores taxas: 3,5%. No caso dos auxiliares e técnicos, tanto no público, como no privado e no filantrópico, apresenta comportamento similar, ou seja, em torno de 12% de ocorrências (para cada) nos últimos 12 meses. A diferença vai ser notada no ensino que exhibe os menores índices de acidente de trabalho na ordem de 3% (Gráfico 8).

Gráfico 8 - Equipe de Enfermagem por ocorrência de acidentes de trabalho nos últimos 12 meses segundo setores, público, privado, filantrópico ensino- Brasil.



Licença médica

Analisando os dados do setor público referentes aos afastamentos por licença médica, nos últimos 12 meses, registra-se um número expressivo da equipe (22,5%) nesta situação. Este percentual significa quase ¼ de todo o contingente que lá atua. Importante dizer que estão fora do cálculo as mulheres em licença maternidade. Já os dados do privado, mostram índices menores, com 17,2%. No

¹³Para mais informações, consultar o site do Departamento de Gestão e da Regulação do Trabalho em Saúde-SGTE/MS. http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/folder/mesa_permanente_negociao_sus.pdf. Acessado em 14-01-2016.

entanto, isso representa em números absolutos, na ordem de quase 88 mil trabalhadores nesta situação. O setor filantrópico exibe taxas de 13,9% que entraram de licença médica neste período. Apresentando os menores índices, o ensino mostra que 12,3% entraram de licença médica. (Tabela 1).

Tabela 1 - Equipe de Enfermagem segundo licença médica nos últimos 12 meses nos setores público, privado, filantrópico e ensino - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

Setores	Sim		Não		Total	
	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%
Público	230.647	22,5	795.316	77,5	1.025.963	100,0
Privado	87.892	17,2	421.949	82,8	509.841	100,0
Filantrópico	37.046	13,9	229.073	86,1	266.118	100,0
Ensino	8.309	12,3	59.266	87,7	67.575	100,0

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Adoecimento da Enfermagem

Outro dado revelado na pesquisa foi o grave fato de existir um 'certo adoecimento' da equipe de enfermagem que atinge mais da metade do total do contingente. Os dados mostram que 56,1%, declaram ter tido necessidade de atendimento médico nos últimos 12 meses. Estas cifras representam mais de 1 milhão de trabalhadores adoeceram neste período, necessitando assistência médica (Tabela 2).

Tabela 2 - Equipe de Enfermagem segundo necessidade de atendimento médico nos últimos 12 meses - Brasil

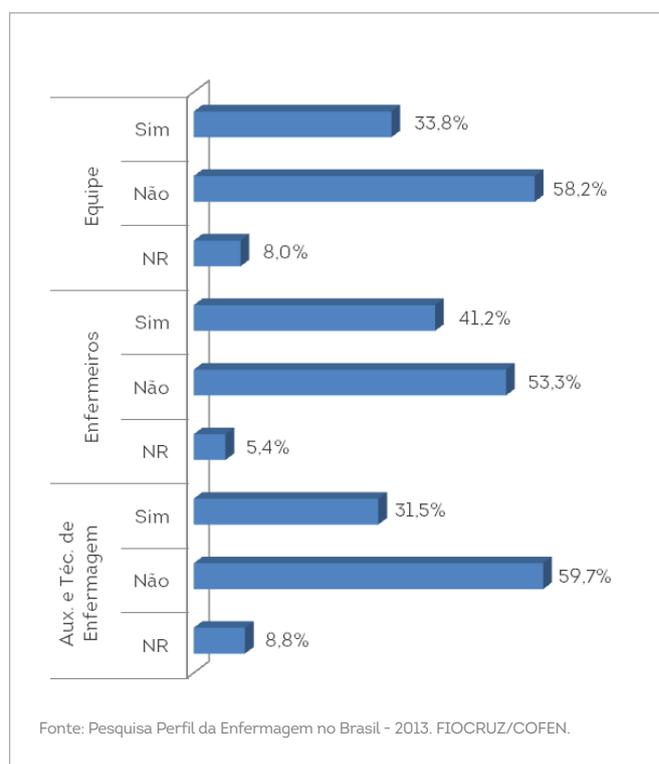
Atendimento médico	V.Abs.	%
Sim	1.012.562	56,1
Não	635.664	35,2
NR	156.309	8,7
Total	1.804.535	100,0

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Sedentarismo

A pesquisa buscou conhecer também os hábitos da equipe de enfermagem no que tange à prática de esportes. Constatou que pouco mais de 1/3 (33,8%) exerce alguma prática de esportes. Portanto, uma fração pequena adota um estilo de vida no qual a vida esportiva é incorporada como hábito, enquanto a maior parte se mantém sedentária, ou seja, quase 60% declara, não praticar qualquer esporte. No entanto, há que registrar que o sedentarismo está mais presente entre os auxiliares e técnicos do que nos enfermeiros (que exibe pouco mais de 40% que exercem a prática de esportes), no qual pouco mais de 30% praticam algum esporte com regularidade (Gráfico 9).

Gráfico 9 - Equipe, Enfermeiros e Aux. e Técnicos de Enfermagem segundo prática regular de esporte - Brasil



Férias

Hábito saudável, necessário para qualquer pessoa que trabalha, é a prática de sair de férias; hábito este contido na legislação brasileira, seja para o serviço público como para a área privado. Os números mostram que 80,5% da equipe tem este hábito mantido. No entanto, há que se registrar que há um percentual considerável que não tem feito isso regularmente, ou seja, 10% declaram não tirar férias regularmente. Tal fato permite afirmar que essa situação



reflete à condição de instabilidade trabalhista e financeira que um significativo número de profissionais vive hoje, seja pelo vínculo precário e temporário que tem com as instituições de saúde, seja pelo baixo e insuficiente salário que estão submetidos, obrigando-os a fazer “bicos” como complemento salarial.

NOTAS FINAIS

O objetivo central deste artigo foi o de apresentar as condições de trabalho da enfermagem no Brasil, incluindo aspectos que tratam da satisfação laboral, das condições em que os processos de trabalho se desenvolvem e dos relacionamentos que se instituem neste âmbito. O artigo apresenta dados e informações sobre o ambiente de trabalho da equipe, dos enfermeiros, dos auxiliares e técnicos, sendo os seus principais resultados bastante preocupantes no que tange às condições existentes neste ambiente para que a enfermagem exerça com segurança, eficácia e sem riscos o seu ofício, em distintos espaços e atividades.

A situação se mostra pouco confortável em relação aos itens de tratamento com cordialidade e respeito entre colegas, profissionais e a população usuária dos serviços de enfermagem, indicando um contexto laboral que precisa

melhorar no que tange à adoção de relacionamentos mais respeitosos e cordiais. A violência opera no cotidiano das instituições em suas múltiplas modalidades (psicológica, institucional, física e sexual); assim como as práticas discriminatórias em razão do sexo, gênero, racial, por obesidade e em relação aos portadores de necessidades especiais, num ambiente de trabalho marcado pela falta de segurança, pela desproteção, pela infraestrutura inadequada ao descanso dos profissionais e pelos riscos nele presentes. Este quadro acaba por influir em níveis altos de desgaste profissional, em adoecimento, em sofrimentos; afastamentos do trabalho por motivos de licença médica e na qualidade de vida, de uma forma geral destes trabalhadores.

A contribuição deste texto está exatamente em disponibilizar um conjunto de variáveis e dados sobre as condições reais de trabalho de categorias profissionais nucleares no cuidado e nos serviços de saúde, iluminando as possibilidades de construção e desenvolvimento de políticas públicas para o trabalho em condições dignas e satisfatórias para a Enfermagem no país; além de apontar a necessidade de aprofundamentos em novos estudos e pesquisas centradas no trabalho em si e nas condições de seu exercício.

REFERÊNCIAS

1. Machado MH (Coord.), Aguiar WF, Lacerda WF, Oliveira E, W Lemos, Wermelinger M, et al. Relatório final da Pesquisa Perfil da Enfermagem

no Brasil (Convênio: FIOCRUZ/COFEN). Rio de Janeiro: 28 volumes, NERHUS-DAPS-Ensp/Fiocruz e Cofen;2015.

Recebido: 30/11/2015
Aceito: 22/02/2016

